

Sayad propõe que o Governo não pague

O ex-Ministro do Planejamento João Sayad, um dos primeiros defensores do congelamento de preços no País, defendeu ontem uma idéia capaz de causar tanta surpresa quanto a reforma monetária adotada em 1986: a de que a dívida interna mobiliária em poder do público não precisa ser paga.

A sugestão nada tem a ver com calote. Sayad argumentou que o Governo contraiu débitos em moeda nacional — LFT — e por isso não faz sentido, neste momento, trocar uma moeda por outra, da mesma forma que ninguém troca um dólar por outro igual. Por este motivo, ele considerou irrelevante a discussão em torno da necessidade de alongar os prazos de vencimento da dívida.

— E uma bobagem essa preocupação em alongar a dívida. Todos estão muito satisfeitos em ter LFT em sua carteira, já que essa é a moeda do País — afirmou.

Declarando-se otimista com o futuro do Brasil, o ex-Ministro — que hoje preside o banco de investimento Mantrust-SRL S.A. — considera que o País tem, e teve, todas as oportunidades para superar a crise econômica. O problema gira, e girou, muito mais no âmbito político do que técnico, disse o ex-Ministro, que na época do Cruzado II foi acusado, ao lado da equipe econômica do Governo, de manipular o congelamento para ganhar as eleições. Três anos depois, não se privou de soltar algumas farpas durante um almoço, ontem, com empresários da Câmara de Comércio Brasil-Canadá.

— A solução econômica é fácil e viável. Faltou um governo eficaz. Faltou uma liderança confiável que conseguisse negociar um tipo de solução. E a ameaça de um fracasso nessa transição democrática dificulta a resolução da crise — disse.

O único momento em que se mostrou realmente preocupado foi ao ser indagado sobre os riscos de uma hiperinflação. Evitou falar muito sobre o assunto, limitando-se a dizer que as taxas crescerão cada vez mais e as possibilidades de que os reajustes de preços e salários passem a ser feitos, por exemplo, a cada 15 dias, estão próximas.

Se isso ocorrer, admitiu, a LFT cairá em descrédito, porque, apesar de ser uma moeda indexada, ficará sempre atrás da inflação. A defasagem provocada por taxas muito ascendentes poderá provocar uma fuga de capital para outros ativos. E, neste caso, o descontrole será total.

Sayad defendeu um novo Plano Cruzado para o próximo Governo, mas com uma diferença fundamental em relação ao anterior. Dessa vez, em primeiro lugar seria necessário resolver o problema da dívida externa. Em segundo, dar uma solução ao déficit fiscal. E, por último, adotar uma nova reforma monetária.